

DOI: <https://doi.org/10.26694/cadpetfilo.v16i31.6232>

## “A GENTE COMBINAMOS DE NÃO MORRER”: MULHERES NEGRAS ENTRE RISCO E RESILIÊNCIA

“we agreed not to die”: black women between risk and resilience

Luciana da Silva Ramos<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente texto é oriundo da disciplina “Antropologia do Risco e da Resiliência” ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ministrada pelo professor Caetano Sordi entre março e julho de 2024. No texto tento refletir sobre conceitos e perspectivas sobre risco e resiliência discutidas ao longo da disciplina, no qual vislumbro a possibilidade diálogo com meu projeto de pesquisa que busca debruça-se no protagonismo da negritude feminina em Batalha no estado do Piauí, focalizando em estratégias para promover o sustento de seus grupos domésticos, e na luta pelo reconhecimento de seus territórios. O objetivo do presente texto é propor pensar em como mulheres negras evocam a resiliência diante dos riscos produzindo suas estratégias de resistência. Em sua escrita marcante, Conceição Evaristo traduz em *Olhos d’água* realidades e sentimentos que retratam a vida dura de pessoas negras, principalmente de mulheres que sofrem com a pobreza, com a violência em diversas instâncias e com o racismo. O conto *A gente combinamos de não morrer* que integra o livro *Olhos d’água* nos lembra das lutas, sonhos, medos de pessoas que não se entregam ao desespero e combinam de não morrer.

**Palavras-chave:** Mulheres negras, resiliência, protagonismo.

### ABSTRACT

This text originates from the course “Anthropology of Risk and Resilience” offered by the Postgraduate Program in Social Anthropology at the Federal University of Santa Catarina (UFSC), taught by Professor Caetano Sordi between March and July 2024. In this text, I attempt to reflect on concepts and perspectives on risk and resilience discussed throughout the course, in which I envision the possibility of dialogue with my research project that seeks to focus on the protagonism of Black women in Batalha, in the state of Piauí, focusing on strategies to promote the sustenance of their domestic groups, and on the struggle for the recognition of their territories. The objective of this text is to propose thinking about how Black women evoke resilience in the face of risks, producing their resistance strategies. In her striking writing, Conceição Evaristo translates in “Olhos d’água” realities and feelings that portray the harsh life of Black people, especially women who suffer from poverty, violence in various instances, and racism. The short story “We Agreed Not to Die,” which is part of the book “Eyes of Water,” reminds us of the struggles, dreams, and fears of people who refuse to give in to despair and agree not to die.

**Keywords:** Black women, resilience, protagonism.

<sup>1</sup> UFSC. E-mail: lucyramos299@outlook.com

*Nós somos o começo, o meio e o começo. Nossas trajetórias nos movem, nossa ancestralidade nos guia.*  
Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo)

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No presente trabalho apresento algumas reflexões sobre conceitos e perspectivas de risco e resiliência traçando um olhar sobre o protagonismo das mulheres negras com foco na manutenção e bem-estar de seus grupos domésticos. Meu projeto de pesquisa é resultante das vivências ao longo de minha trajetória acadêmica enquanto mulher negra nordestina com ancestralidade negra rural. Neusa Santos Sousa argumenta que descobrir-se negro é vivenciar a experiência de ter sua identidade dilacerada por inúmeras violências, mas também é comprometer-se com o resgate da memória (SOUZA, 1983).

No final do século XIX e início do século XX, uma das maiores secas já registradas assola o sertão do Ceará, os longos períodos de estiagem no interior cearense causou uma enorme busca por auxílio na capital Fortaleza. A presença de “indesejados” avançando para a capital afetaria o cotidiano dos habitantes “distintos” da cidade de Fortaleza. Jornais como *O Cearense* traziam manchetes que exigiam uma atitude capaz de manter a ordem e de afastar os retirantes das principais áreas de contato com a população “distinta”, a cruel solução foi a criação de campos de concentração no Ceará os sertanejos eram atraídos pela promessa de assistência do estado, e outros se viam forçados a seguirem em peregrinação muitas vezes a pé em busca de assistência em outros estados do país (TRAVASSOS, 2011).

Essas peregrinações de acordo com fontes orais ocorriam a pé debaixo de sol escaldante e eram extremamente exaustivas e desumanas. A fome era tão devastadora que na travessia a pé de um estado para outro comiam o que viam pela frente desde xique-xique - planta cactácea, comum no sertão nordestino -, animal morto, a loucura da fome era tão grande que houve até relatos de antropofagia. Segundo as fontes orais a miséria e o sofrimento eram enormes.

As estradas cheias de gente de toda parte, de todos os estados passando de um estado para o outro, eu lá no meu sítio e as estradas cheias de gente. No alpendre da minha casa se arranchava centenas de pessoas, toda noite passando a pé pra outros estados para o Piauí para o Maranhão (Dona Diva Cavalcante, entrevista ao Nas Pegadas da História, 2020).

Minha avó Raimunda conta que, minha bisavó (mãe velha) saiu com sua família de Crateús no interior do Ceará para o Piauí a pé fugindo dos efeitos da seca de 1915 “saíram de Crateús - CE, porque não tinham o que comer. Andavam a pé nas matas, faziam fogo de caieira, viajaram cerca de oito dias comendo xique-xique e mandacaru” (Raimunda). A migração do sertanejo para Fortaleza tirava o “belo” da cidade que aspirava modernidade. Depois de um longo dia de trabalho Rosa Parks<sup>2</sup> ao se recusar a ceder seu lugar no ônibus para um homem branco tornou-se um símbolo na luta contra políticas segregacionistas dos Estados Unidos, o ‘não’ de Parks originou o movimento por direitos civis, para a antropóloga Veena Das (1997) os eventos críticos revelam a instabilidade da “hegemonia”.

Durante minhas vivencias acadêmicas no campo iniciada na graduação, sempre me chamou atenção como mulheres quilombolas se movem em suas lutas e exercem um conjunto enorme de atividades, tanto no âmbito doméstico, produtivo ou comunitário. Para Gutterres (2020) a resiliência tem sido evocada especialmente por mulheres ao pensar as diferentes formas de se mover na “luta”, buscado compreender as dinâmicas de narrativas de ameaças que acionavam a persistência, superação, teimosia e sofrimento.

Em sua escrita analítica Gutterres (2020) pensa a noção de resiliência como dimensão de formas de resistir em contextos de ameaça. Para a autora ao encontrar resiliência os sujeitos acionam estratégias de resistência. Dessa forma, a resiliência é entendida como a capacidade de aprender com os choques, superar e seguir a vida. Em relação a comunidades quilombolas a não titulação da terra cria obstáculos para as comunidades acessarem, por exemplo, programas de crédito agrícola, o que favorece a dependência agrícola ao pagamento de renda para proprietários de outras terras. A não titulação também gera o risco de conflitos pela posse da terra, a mulher negra ainda é a principal vítima de várias formas de violência, e muitas são invisibilizadas e silenciadas em seu mover nas lutas em busca de justiça social.

## APRENENDENDO COM A ADAPTABILIDADE

A adaptabilidade diante de obstáculos é uma das características atribuídas às pessoas resilientes. No século XIX, dentro da física, a resiliência é entendida como a

<sup>2</sup>Ativista negra norte-americana, símbolo do movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos.  
**CADERNOS PET, V. 16, N. 31**

capacidade de um material voltar ao seu estado inicial após um impacto, e está associada à elasticidade e flexibilidade. Na segunda metade do século XX, o conceito foi utilizado pela Psicologia como capacidade de recuperação/adaptação/reorganização após sujeitos sofrerem com situações traumáticas (WALKER; COOPER, 2011). Nesse sentido, a resiliência é concebida como um conceito viajante que transita pela física, biologia, psicologia, engenharia. Absorver impactos, violências, controlar a situação são algumas das diversas características atribuídas a resiliência. Conseguir persistir mesmo com grandes oscilações, ao encontrar resiliência automaticamente acionamos estratégias de resistência.

Nessa direção, Gutterres (2020) durante sua pesquisa de doutorado observa os processos de configuração, de formas de resistir em comunidades periféricas diante da remoção e ameaça de remoção de moradias. A autora propõe que, a situação precária de determinadas populações pensa a resiliência como lugar de resistência. Muitas vezes essas remoções chegam até os moradores mascaradas como proposta de “revitalização” do espaço. Muitas das propostas de desenvolvimento presente em megaprojetos de desenvolvimento não são elaboradas junto com as comunidades tradicionais ou periféricas. As propostas são muitas vezes impostas de fora para dentro, e nem sempre são bem recebidas pelas comunidades.

Na cidade de Teresina no Piauí o megaprojeto urbanístico Lagoas do Norte provocou mudanças socioespaciais, e transtornos à população de vários bairros menos favorecidos. O projeto não considerava as memórias e os afetos da população atingida, como relata a líder comunitária Maria Lúcia em entrevista para o site Ponte Jornalismo “temos nossos afetos e memórias aqui e querem nos tirar de forma perversa e cruel”. Diante da ameaça e do risco da perda de sua moradia a mulher negra e ribeirinha do ‘Boa Esperança’ Maria Lúcia surgiu na mídia local como um dos grandes nomes do movimento contra as ações do projeto Lagoas do Norte.

Ali é muito mais do que uma casa. A Boa Esperança é o lar de 3.800 famílias que ergueram suas casas com as próprias mãos, inclusive na confecção dos tijolos, já que a região foi um importante polo de olaria na década de 80. Lar porque ali elas criaram não só suas famílias como também suas raízes. Tudo isso bem perto do meio ambiente e do Rio Parnaíba, que divide o Piauí do Maranhão. Esse rio é o quintal da casa de muitos moradores, que também retiram dele o seu sustento e o seu alimento por meio da pesca e das plantações ao entorno das águas (Maria Lúcia, liderança comunitária em entrevista a Ponte Jornalismo, 2019).

Muitas propostas de desenvolvimento têm oprimido às comunidades. Uma das formas de resistir contra as ações do projeto urbanístico foi a luta protagonizada por Maria Lúcia com apoio de outros moradores dos demais bairros atingidos, e a resiliência. Além de grandes riscos ao meio ambiente o projeto também colocava em risco o apagamento das identidades constituídas na dinâmica daquele espaço de resistência. Tal como vem propondo Wallace (2020) em suas duras críticas ao capitalismo predatório e exploração ambiental o autor afirma, o que há muito tempo os povos tradicionais (quilombolas, indígenas entre outros) e ambientalistas nos alertam sobre as consequências da devastação do meio ambiente.

As crescentes forças produtivas no processo de modernização, são desencadeados riscos e potências de confiança em uma mediada até então desconhecida (BECK, 1986). O sociólogo britânico Giddens (1990) aponta que a sociedade vive uma relação de dualidade entre confiança e risco, e isso ocorreria por razão da grande complexidade das relações modernas. Vivemos em uma sociedade que precisamos confiar e ao mesmo tempo estamos em risco.

Projetos urbanísticos muitas vezes são elaborados por profissionais estrangeiros que não conhecem a realidade do Brasil, a nossa sociedade é dependente do sistema de perito como defende Giddens (1990). As propostas ou esses projetos na maioria das situações não são construídas com a contribuição da comunidade, o projeto chega com ordem de execução e quem sofre com essas ações são as comunidades. Para Lélia Gonzalez (2021) uma consciência que não incorporou as lutas, o protagonismo e resistências de povos africanos e indígenas escravizados e dizimados pelo colonialismo não permite o acesso à potência desses corpos, a autora nos ensina que a memória revela o que a consciência oculta.

As mulheres das comunidades quilombolas de Batalha, no Piauí estão envolvidas diretamente no sustento de seus grupos familiares e nas articulações da associação comunitária. Elas complementam a renda de seus grupos domésticos com vendas de cosméticos (perfumaria), produção de bolos confeitados (para comemoração de aniversários por exemplo), salgados para vender, criação e venda de animais e ajudando os maridos na roça. Conforme Maria dos Santos da comunidade Carnaúba Amarela destaca “vendo várias coisas, criação de animal (bode, galinha, porco)”. Luana Génot um dos principais nomes da atualidade no meio corporativo destacou em entrevista à Gauchazh que:

“a mulher negra é resiliente não porque ela quer, mas porque a vida a forjou para ser dessa forma”.

Conforme a explicação de Gutterres (2020), a capacidade de resiliência não é apenas tornar-se persistente a desordem, e sim sobre as oportunidades que a desordem pode proporcionar em termos de recombinação de “estruturas e processos”, para a autora é a renovação do sistema, e de novas trajetórias. Nessa perspectiva, são “processos adaptativos que se relacionam com a capacidade de tolerar e lidar com a mudança, e que emergem da auto-organização do sistema”.

Nos países originados pelo processo colonial, a população negra foi massacrada durante séculos. O julho das pretas é uma ação política que acontece no país sempre no mês de julho em virtude da celebração do dia 25 de julho dia na Mulher Afro-Latina Americana e Caribenha criado em 1992. No Brasil as mulheres negras experimentam experiências preconceitos e múltiplas discriminações. Nas populações negras a figura da mulher é constantemente centralizada e associada a esse lugar de resiliência ao se movimentar em suas lutas seja pelo sustento familiar ou em sua articulação na luta pela terra. Nas comunidades quilombolas as mulheres estão na ponta da lança ajudando os maridos a prover o sustento de seus grupos familiares e na articulação da luta pela terra, muitas vezes essas mulheres não são lembradas. O quilombo inclui todas as estratégias de resistência, os processos indenitários são longos e existe uma grande dificuldade para que os povos tenham acesso aos seus títulos da terra.

Na comunidade Carnaúba Amarela os moradores mais antigos em grande maioria mulheres têm gravado na memória que, no passado havia maus tratos, e ampla jornada de trabalho não remunerado os mais velhos ouviram os relatos dos seus pais e avós “meu pai falava que meus avós foram escravos. Aí eles (avós) falavam que eles trabalhavam e, ganhavam só um prato de comida, às vezes, era trocada a carne por um dia de serviço que eles trabalhavam. Mas só que eles não falavam esse negócio de quilombo, não” (Maria dos Santos comunidade Carnaúba Amarela em 2022).

No passado, segundo Maria dos Santos, antes de ser reconhecida como remanescente de quilombo, Carnaúba Amarela era uma comunidade escondida “a comunidade era escondida, não tinha acesso de nada. aí depois que a gente foi reconhecido como quilombola, que melhorou. E aí, antes de ser conhecido como quilombola, a gente era

chamada de Família dos Anjos". A comunidade ainda não possui titulação de posse da terra.

Maria dos Santos afirma que, inicialmente a terra pertencia a seu bisavô, conhecido por Anjo Preto do Exu. Quando seu bisavô faleceu a terra passou a ser de seu avô, Antônio dos Anjos, que era o pai de seu pai, e avó da maioria dos moradores da comunidade: “ele não comprou aqui, eles chegaram aqui, [...] não tem documento, aí é nós que somos o dono.

Atualmente em Carnaúba Amarela residem cerca de 30 famílias, cujo sustento como a grande parte das comunidades quilombolas do estado, origina-se da agricultura de subsistência (roças de arroz, feijão, milho, mandioca) e na criação de animais de pequeno porte (galinhas, porcos, bodes, vacas) como fonte primordial de subsistência. Em Batalha é muito forte a caprinocultura, o bode é a principal fonte econômica do município de Batalha.

Maria destaca que na comunidade a terra é coletiva e formada por uma mesma família composta por: tias, sobrinhos, primos. Por conta da pouca extensão de terra para plantar Maria dos Santos e outros moradores precisar se deslocar para fazer roça em outras localidades “muitas das vezes aqui o terreno é pequeno, aí não dá de fazer roça todos os anos. Aí a gente sai daqui e vai fazer roça em outro lugar. Em outro lugar que fica perto”. Conforme ela descreve essas roças possuem um intervalo de tempo,

aqui se faz roça um ano, passa dois anos, aí que torna fazer de novo. Aí a gente vai fazer roça fora. Aí a gente tem que pagar renda também. Quando faz roça assim fora, no outro lugar vizinho, aí tem que pagar renda. A gente paga renda pro dono da terra, que a gente faz a roça” “A renda que a gente fala, a gente faz roça fora, aí se eu (Maria) apanhar quatro caiga (carga) de arroz, aí eu dou uma pro dono da terra, e se eu apanhar quatro caiga de milho, eu dou uma pro dono da terra também (Maria dos Santos, comunidade Carnaúba Amarela em 2022).



**Imagem:** Maria dos Santos em roça de arroz arrendada, 2024.

A não titulação da terra cria barreiras para as comunidades acessarem programas de crédito agrícola, favorecendo a dependência agrícola ao pagamento de renda para proprietários de outras terras. No município de Batalha as comunidades quilombolas Carnaúba Amarela e Lagoa da Serra possuem pouca extensão de terras para o plantio de roça. Para Gutterres (2020, p.102) seguindo na trilha de Foucault, resiliência pode ser compreendida como uma capacidade de suportar altas pressões passivamente e supostamente sem reagir, acomodar-se. Populações com poucos recursos conseguem ativar sua criatividade e sobrevivem a pesar da precariedade da vida, persistindo enquanto comunidade. Hoje vivemos em um mundo cheio de contingências, desastres que colocam a resiliência em evidência. O texto *A gente combinamos de não morrer* de Conceição Evaristo (2016) apresenta o cotidiano de pessoas negras marcado pela violência, as mulheres negras representam uma simbologia importante para a compreensão de comportamentos resilientes diante das adversidades.

Nessa direção, a história da comunidade quilombola Lago da Serra começou, segundo Maria José, secretária da Associação Comunitária de Desenvolvimento Sustentável dos Produtores Rurais Lagoa da Serra, com seu sogro já falecido. De acordo com memória de Maria José, os antepassados de seu sogro foram pessoas em situação de escravidão. Ela conta que a história começou com os pais de seu sogro. Maria José recorda

que antes do reconhecimento na comunidade não existia serviços básicos como água encanada e energia elétrica.

O vínculo dos povos negros e indígenas americanos com a terra, com as religiões locais e com a natureza sobreviveu a perseguições devido principalmente à luta das mulheres, que proporcionam uma “fonte de resistência anticolonial” e anticapitalista durante mais de quinhentos anos” (FEDERICI, 2017, p. 382). Em nossas conversas, Maria José me contava que na associação da comunidade, as mulheres são maioria, com aproximadamente 36 mulheres que se dividem em atividades que são necessárias. Além dos afazeres domésticos e das articulações na associação, as mulheres de Lagoa da Serra também são atuantes na agricultura de subsistência.



Comemoração dia das mães, na Associação Comunitária de Desenvolvimento Sustentável dos Produtores Rurais da Comunidade Quilombola Lagoa da Serra - PI, 2024. Acervo pessoal.

Maria José também recordava que antes do processo de reconhecimento era como se tivessem as ferramentas sem saber usar por falta de conhecimento. O despertar foi quando uma pessoa da família com mais esclarecimento de informações fez uma reunião com a comunidade. Assim como em Carnaúba Amarela, na Lagoa da Serra quase todos os moradores são parentes, nora, filho, neto. Após a reunião de fundação da associação foram feitos projetos para construir um poço tubular, para gerar energia.

No início, a associação não possuía sede própria. Seus membros se reuniam em

um colégio que havia na comunidade. Mais tarde, a associação passou a se reunir na casa da sua então presidenta, Francisca Laurisse. No final do ano de 2023 a comunidade conseguiu construir uma sede própria da associação que, todavia, ainda não está totalmente concluída. Além das reuniões da associação, que ocorrem uma vez no mês, a comunidade na sua inacabada sede também realiza as comemorações do dia das mães e dos pais.

Maria José conta que, na associação não tem outra atividade específica além destas, mas que querem se organizar a respeito disso, pensar no que se poderia estar fazendo para despertar mais mulheres da comunidade a participarem da associação. O termo interseccionalidade criado por Kimberle Williams Crenshaw tenta explicar a multiplicidade de nuances que atravessam a vida de mulheres, como raça, classe social, orientação sexual todas essas questões podem apresentar experiências singulares em suas lutas (HUDSON-WEEMS, 2018).

Conforme aborda Gutterrez (2020) no artigo *Everyday resilience: Narratives of single refugee women with children*, Caroline Lenette, Mark Brough e Leonie Cox (2012, p. 650) apontam que, ser resiliente é muitas vezes relacionado à ‘superação’ - da pobreza, pouca instrução escolar, traumas, barreiras linguísticas. As pesquisas das autoras abordadas por Gutterrez (2020) também mostram a forte presença das mulheres em processos de resiliência. Mulheres negras expericiam cotidianamente situações desafiadoras que, fazem parte de suas lutas diárias revelando distintas dimensões e complexidades de suas trajetórias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a figura da mulher negra é fortemente centralizada a um imaginário de força e resiliência ao se movimentar em suas lutas diárias. Muitas comunidades tradicionais e periferias nos centros urbanos possuem sua organização social regida pela figura matriarcal, em algumas comunidades quilombolas a figura da mulher exerce poder econômico e político em suas comunidades. Nas configurações sociais as mulheres estão na ponta da lança ajudando seus companheiros a prover o sustento de seus grupos domésticos e na articulação da luta pela terra. Muitas vezes esse protagonismo não é lembrado.

Historicamente, o protagonismo feminino foi invisibilizado, especialmente o das CADERNOS PET, V. 16 , N. 31

ISSN: 2176-5880

mulheres negras. No entanto, sabemos que as lutas destas mulheres, especialmente aquelas entre as comunidades quilombolas, foram conduzidas com a forte e intensa participação das mulheres. Tereza de Benguela, Dandara dos Palmares, Carolina Maria de Jesus, e tantas outras mulheres, foram fundamentais para as várias lutas que continuam nos dias atuais.

No século XIX, em Salvador na Bahia se registrou uma forte mobilização de luta, resistência e afirmação de identidade cultural, protagonizada por escravizados e libertos, e que teve entre suas lideranças a guerreira Luiza Mahin. É impossível falar da Revolta do Malês sem lembrar de uma das suas principais protagonistas a quitandeira e guerreira africana Luiza Mahin protagonista da Revolta dos Malês na Bahia. Tão importante quanto Zumbi na luta pela libertação de Palmares, Dandara lutou ativamente junto ao seu companheiro. A pesar da sua importante contribuição e protagonismo nessa luta, Dandara não teve o mesmo reconhecimento que Zumbi.

Por isso é importante ouvir mulheres contando suas histórias para dar voz às experiências únicas. As mulheres sofrem com a violência, pobreza e ao racismo entre outras violências. Descolonizar nossas mentes e retomar nossa história contada pelo olhar de nossos ancestrais é um gesto de resistência ao modo como a cultura dominante pensa a história, a identidade e a comunidade (HOOKS, 2019, p.273). Para Bell Hooks fazer do lar uma comunidade de resistência tem sido compartilhada em especial por mulheres negras.

## REFERÊNCIAS

- BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a outra modernidade**. Companhia das Letras. São Paulo: 1986.
- DAS Veena. **Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário**. Editora da Unifesp. São Paulo, 2020.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação**. São Paulo: Elefante, 2017.
- GAUCHAZH. **A mulher negra é resiliente não porque ela quer, mas porque a vida a forjou para ser dessa forma**. Entrevista, 2022.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1990.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Zahar, 2021.
- GUTTERRES, Anelise dos Santos. **As diferentes formas de resistir em um contexto de ameaça de remoção de moradias**. Ayé, 2(1): 100-121, 2020.
- HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Elefante Editora, 2019.
- HUDSON-WEEMS, Clenor. **Mulherismo Africano: uma visão geral**. Disponível: <https://insurreicaocgpp.blogspot.com/2018/06/mulherismo-africano-uma-visao-geral.html>.



**NAS PEGADAS DA HISTÓRIA. Os campos de concentração do Ceará.** Youtube: Vídeo (13min27s). 22 de julho de 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=eXpr\\_L5BLYc](https://www.youtube.com/watch?v=eXpr_L5BLYc).

**PONTE JORNALISMO. Boa Esperança, a comunidade ribeirinha em Teresina (PI) que, há 10 anos, luta para continuar existindo.** Disponível em: <https://ponte.org/boa-esperanca-a-comunidade-ribeirinha-em-teresina-pi-que-ha-10-anos-luta-para-continuar-existindo/>, 2019.

**TRAVASSOS, Lidiany Soares Mota. Uma história não contada: o campo de concentração para flagelados de 1915 em Fortaleza - Ceará, 2011.** Disponível em: <http://www.unicap.br/coloquiohistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.717-730.pdf>.

**WALLACE, Rob. Pandemia e agronegócio: doenças infecciosas, capitalismo e ciência.** (Tradução: Allan Rodrigo de Campos Silva). Ed. Elefante. São Paulo, 2020.

**WALKER, Jeremy; COOPER, Melinda. Genealogies of resilience: From systems ecology to the political economy of crisis adaptation.** Security Dialogue, 42(2) 143-160, 2011.